

## **Pensar as Crianças e as Infâncias Travestis: Ausência, Colonialidade e Violência<sup>1</sup>**

### **Pensar las Niñeces y las Infancias Travestis: Ausencia, Colonialidad y Violencia**

Uma Reis SORREQUIA<sup>2</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, SP

#### **RESUMO**

Se as travestilidades adultas estão atravessadas por signos latinos, raciais e de prostituição, de acordo com Favero (2020), proponho pensar as crianças e as infâncias travestis a partir de marcadores como: a ausência, a colonialidade e a violência. Da análise audiovisual, segundo Penafria (2009), da produção argentina, em formato digital, e linguagem comunicacional de minidocumentário “¿Cómo se vive la infancia trans?”, é possível, ainda que de modo incipiente e parcial, pensar tais crianças e infâncias em termos de: ausência de proteção estatal; colonialidade do ser-saber-poder, representada na figura da cisgeneridade, em nomear, descrever, classificar e usar as crianças e infâncias não cisgêneros; e violência transodiante (estrutural, institucional e recreativa) em contextos familiares, escolares, espaciais, midiáticos etc.

**PALAVRAS-CHAVE:** infância; travesti; ausência; colonialidade; violência.

#### **RESUMEN**

Si las travestilidades adultas son atravesadas por signos latinos, raciales y de prostitución, de acuerdo con Favero (2020), propongo pensar las niñeces y las infancias travestis a partir de marcadores como: la ausencia, la colonialidad y la violencia. Desde el análisis audiovisual, según Penafria (2009), de la producción argentina, en formato digital, y lenguaje comunicacional de minidocumental “¿Cómo se vive la infancia trans?”, es posible, aunque de manera incipiente y parcial, pensar en estas niñeces e infancias en términos de: ausencia de protección estatal; colonialidad del ser-saber-poder, representada en la figura de la cisgeneridad, al nombrar, describir, clasificar y usar las niñeces e infancias no cisgêneros; y violencia transodiante (estructural, institucional y recreativa) en contextos familiares, escolares, espaciales, mediáticos, etc.

**PALABRAS CLAVE:** infancia; travesti; ausencia; colonialidad; violencia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM-SP, e-mail: [uma.sorrequia@acad.espm.br](mailto:uma.sorrequia@acad.espm.br). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Número do processo: 88887.630452/2021-00.

*Falo tanto, quanto escrevo, para (re)organizar o meu ódio, e, assim, (re)estabelecer a paz.*

## **Introdução**

Pensar as crianças e as infâncias no emaranhado conceitual que lhe fora atribuído a respeito de sua apreensão nas mais diversas áreas, a começar, pela etimologia da palavra infância, do latim *infantia*, sem fala e o infante incapaz de narrar a si mesmo, logo, de governar/cuidar de si; passando pela invenção/construção da infância como objeto de conhecimento, coisificada na pretensa trama de objetividade científica (MARTINS & VIANA, 2020); bem como, pela criança como objeto *a* liberado, produzido, objeto *a* da fantasia materna e de gozo da família e da civilização (LIMA, 2009).

Interessam-me, primordialmente, considerando os paradigmas descritos acima, das concepções de crianças e infância(s) nas sociedades ocidentais modernas-coloniais, as concepções da criança como um adulto em miniatura, em uma perspectiva adultocêntrica e de adulticidade, e da criança como um indivíduo assexuado/assexual – símbolo e resíduo de pureza em uma sociedade altamente libidinosa. Esses dois últimos paradigmas me parecem centrais para se pensar as contextualidades das crianças e das infâncias travestis, uma vez que carregam consigo noções de avanço, desenvolvimento e progresso da(s) infância(s) para a vida adulta, por um lado, e da impossibilidade de um devir-criança travesti, por outro.

Em outras palavras, e desde uma mirada cis-heterofenomenológica (MC MANUS & CONTRERAS, 2018), recai sobre a criança, sujeito por excelência da ideia de infância, a missão e o destino de libertar e salvar o amanhã, o futuro e o mundo, no qual a identidade de gênero travesti não serviria para tal propósito com todos os imaginários sociais negativos que carrega e comunica (marginalidade, precariedade e vulnerabilidade), entendendo que “a sociedade, suas instituições e pessoas não apenas se comunicam, mas pensam sobre isso e organizam largas partes de seu comportamento e seus processos sociais conforme o entendimento que têm a respeito [da comunicação]” (BRAGA, 2012, p. 27).

Isto posto, estou menos interessada em pensar as crianças e as infâncias travestis no sentido de enclausurá-las em um modo ser feito corpo, mas de contextualizá-las, em diálogo com Braga (2012), em investigar o que a sociedade tem feito, no campo das práticas sociais, quando se trata das crianças e as infâncias travestis.

---

Nos últimos anos, estudos têm evidenciado as disputas e os tensionamentos em torno das agendas políticas que capturam a categoria de “infâncias trans”, fixando-a, de acordo com a cisnorma, por parte de atores sociais como as ciências médica e psicológica, o Estado, a família, as instituições e os movimentos sociais. Neste sentido, busco pensar as crianças e as infâncias travestis a partir de marcadores como: a ausência, a colonialidade e a violência.

Em “Crianças trans: infâncias possíveis”, ao perguntar “o que é uma criança trans?”, Sofia Favero (2020) reconhece que ao pensar tal categoria está produzindo outros enquadramentos, que nos limita a pensar, por exemplo, em crianças e infâncias travestis. Em seguida, Favero coloca que assumir que uma criança é travesti lhe roubaria sua infância, por tratar-se de uma identidade atravessada por signos latinos, raciais e de prostituição.

Toma-se emprestado essas premissas para propor uma reflexão crítica, teórico-epistemológica, do porquê existem travestis adultas, mas não travestis crianças. Ou porque falamos em travestilidades com referência apenas às travestis adultas. Quando intracomunidade e entre travestis, volta e meia, falamos em ‘travinhas’, referindo-se as crianças e as infâncias travestis, porém, de modo r/estrito, como se essas não fossem travestis, mas que viriam a ser, um devir-criança travesti.

O desenho metodológico resulta de ampla revisão bibliográfica sobre a temática com intuito de disponibilizar ferramentas interpretativas capazes de corroborar ou refutar as hipóteses e pressupostos introdutórios no processo de análise audiovisual do *corpus* desse trabalho.

De modo geral, e exploratório, o produto audiovisual analisado, ora apresenta discursos que dão cabo das contextualidades propostas: ausência, colonialidade e violência; ora invocam discursos dos outros sobre as crianças e as infâncias travestis que deslegitimam os relatos de si dessas crianças e infâncias.

De encontro com Mc Manus & Contreras (2018), é necessário rumarmos a uma nova ontologia (positiva) e epistemologia da identidade de gênero, e realizarmos um exercício crítico que implique uma positividade ética acumulada, uma “outra ética e outra epistemologia, outros estudos e outra história da infância” (Arroyo & Silva, 2012, p. 54 apud Martins & Viana, 2020, p. 153-154). Ou seja, romper e destruir as concepções vigentes sobre as crianças e as infância(s), igualmente, as narrativas em torno do “corpo

---

errado”, como possibilidade utópica de pensarmos em crianças e infâncias travestis, livres e diversas.

Esse artigo é um convite ao diálogo coletivo sobre uma temática tão cara aos movimentos nacionais travestis argentino e brasileiro, bem como, caribenho e latino-americano.

### **Pensar as Crianças e as Infâncias Travestis**

No bojo das discussões ensejadas, gostaria de propor uma definição pontual da identidade travesti, (re)conhecendo os riscos de apagar vivências e experiências ao fazê-la. Contudo, compreendo também a necessidade de circunscrever as travestilidades por aproximações e disjunções as transexualidades e transgeneridades.

Travesti é uma identidade feminina, e, sobretudo, uma identidade política de resistência histórica latino-americana e caribenha, em países de língua espanhola e portuguesa, como no caso argentino e brasileiro. Atualmente, muitas meninas “transgênero e transexuais” se autoidentificam e se nomeiam travestis em reconhecimento ancestral da luta por direitos de nossas antepassadas – travestis, e, em sua maioria, pretas. Afirmar-se travesti é preservar uma história e ressignificar a travesti existente no imaginário social dessas populações, é dizer: nós travestis também somos sujeitas de direitos, produtoras de conhecimento, estamos em todos os espaços e lugares, inclusive na prostituição<sup>3</sup>.

Dessa forma, minha tentativa é comunicar produzindo outros sentidos sobre a identidade travesti e as travestilidades historicamente associadas a um contexto de visibilidade social marginal, do qual infiro que nunca estivemos em um regime de total invisibilidade, todavia, precariamente inseridas em suas dinâmicas e processos, citando a Rocha e Silva (2007, p. 8-9):

Considerando o consumo lócus privilegiado de produção imagética e de constituição imaginária [...], pressupondo ser o consumo um fato cultural e uma manifestação imagética na qual se incluem uma ampla gama de imagens (imaginadas, visuais, olfativas, gustativas, táteis e sonoras). Localizam-se as dinâmicas e hábitos de consumo em um “para além” dos objetos e serviços – sem obviamente descartá-los – gerando sofisticadas e intensas articulações entre o campo simbólico e aquele especificamente mercadológico e, o que mais nos

---

<sup>3</sup> Uma primeira definição da identidade travesti realizada pela autora encontra-se em: SORREQUIA, Uma Reis. Aspectos relativos ao uso do nome social e outros provimentos civilizatórios. InformaSUS-UFSCAR, São Carlos, 05 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.informasus.ufscar.br/aspectos-relativos-ao-uso-do-nome-social-e-outros-provimentos-civilizatorios/>>.

---

interessa, dando visibilidade ímpar às limiaridades e interconexões estabelecidas entre imagens midiáticas e universo imaginário.

Assim, as dinâmicas que afetam os processos de visibilidade social, como as representações midiáticas, têm um papel na construção de imaginários, que tanto podem reiterar um lugar de marginalidade ou questioná-lo, trazendo uma dimensão outra que desconstrói estereótipos e estigmas. Tendo em vista que esses regimes de visibilidade são importantes porque atuam como uma forma de negociar, muitas vezes, os sentidos hegemônicos que estão engendrados na cultura massiva.

Em vista disso, indaga-se como as culturas de consumo atreladas às visibilidades midiáticas das crianças e infâncias travestis no produto audiovisual analisado, podem se associar no sentido de promover outro marco civilizatório em respeito à dignidade da pessoa humana e da identidade travesti. E interpretando que “é da reverberação mútua entre escutas e falas, de parte a parte, que se alimentam os processos interacionais em sua produção de sentido” (BRAGA, 2012, p. 31).

Tampouco quero invisibilizar as conquistas cotejadas nas últimas décadas mediante mobilização e luta organizada dos movimentos nacionais de travestis no contexto latino-americano e caribenho. Sem embargo, visio problematizar os ganhos efetivos quando suas materialidades se expressam de maneira individual e pouco coletivizada ante a realidade enfrentada por uma grande parcela dessa população, segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)<sup>4</sup>, no Brasil, Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros da Argentina (ATTTA)<sup>5</sup> e Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH)<sup>67</sup>.

Atentando-se aos processos de escuta, disponibilidade e acolhimento que envolvem a agência das crianças e infâncias travestis internamente a esses movimentos, e com relação as suas reivindicações de pautas e demandas específicas aos contextos de interação dos quais se encontram inseridas. Para não recorrermos em lógicas e mecanismos exteriores, de falsa inclusão, e em razão de generalizações identitárias e etárias a respeito das identidades travestis e travestilidades adultas.

Orofino (2015) nos confere uma interpretação da criança como sujeito de direito e sujeito da pesquisa. Nessa perspectiva, considera-se essencial ponderar os discursos de

---

<sup>4</sup> Ver <<https://antrabrasil.org/assassinatos/>>.

<sup>5</sup> Ver <<http://attta.org.ar/institucional/documentos/>>.

<sup>6</sup> Ver <<http://www.oas.org/pt/cidh/docs/pdf/violenciapessoaslgbti.pdf>>.

<sup>7</sup> Ver <<https://cidhoea.wixsite.com/avances-lgbti/portugues>>.

---

terceiros e em primeira pessoa na análise das relações das crianças e infâncias travestis com as mídias e o consumo midiático. Importando identificar a voz da criança e escutá-la, enquanto receptora ativa, capaz de se “defender”, fazer escolhas e ressignificar o que a mídia coloca em pauta .

Não cabendo, nos limites de uma escrita e de um texto provisório, evidenciar as alteridades conceituais entre as identidades travestis na infância, adolescência, idade adulta e velhice, mesmo porque, me parece improdutivo fazer uso de divisões analíticas induzindo a se pensar as travestilidades de modo fragmentado, como a racionalidade cisgênero branca ocidental opera na produção de conhecimento.

Entretanto, direciono meu olhar de uma travesti branca e adulta a pensar e escrever sobre as crianças e as infâncias travestis desde os rastros, vestígios e lacunas semânticas de minha memória, que a todo momento se pergunta como pode ninguém ter visto as condições as quais você esteve submetida por ser uma criança travesti. Afeto esse compartilhado por muitas outras irmãs e companheiras travestis, insinuando tratar-se de uma mesma história, assim como, do sentimento partilhado de um completo abandono em meio as ausências, colonialidades e violências presentes. Das quais eu proponho uma (re)leitura e (re)interpretação de suas contextualidades.

### **Ausência, Colonialidade e Violência**

“¿Cómo se vive la infancia trans?” é uma produção do “La Matria”, um coletivo feminista midiativista argentino, sediado na cidade de Buenos Aires, e que funciona, principalmente, como um meio de comunicação colaborativo e multimeios, segundo consta em seu site<sup>8</sup>.

Sua postagem na plataforma de vídeos da Google, YouTube, data de 19 de agosto de 2018, com a seguinte descrição: #InfânciasLivres | Mães e pais de crianças e adolescentes trans conformaram a Associação Civil Infâncias Livres (ACIL), onde promovem a igualdade de gêneros, a não discriminação, a inserção na sociedade, na comunidade educativa e no sistema de saúde para uma melhor qualidade de vida. Até a presente data, 12 de agosto de 2021, o minidocumentário alcançou 9.176 visualizações, 227 curtidas positivas e 40 negativas, e 26 comentários.

---

<sup>8</sup> Ver <<https://quevivalamatria.com/>>.

---

A análise audiovisual de “¿Cómo se vive la infancia trans?”, realizou-se em duas etapas: (1) decompor e descrever; (2) estabelecer e compreender as relações entre os elementos decompostos, isto é, interpretá-los.

A decomposição recorre, pois, a conceitos relativos à imagem (fazer uma descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição, ângulo...) ao som (por exemplo, off e in) e à estrutura do filme (planos, cenas, sequências). O objetivo da análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. Trata-se, acima de tudo, de uma atividade que separa, que desune elementos. E após a identificação desses elementos é necessário perceber a articulação entre os mesmos. Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme (PENAFRIA, 2009, p. 1-2).

A análise, então, servindo a crítica do produto audiovisual com objetivo de lhe atribuir outros sentidos e qualificar suas contribuições ao debate acerca das contextualidades das crianças e infâncias travestis. Uma observação, o minidocumentário é acessível apresentando legenda em espanhol, dito isso, as descrições realizadas foram traduzidas pela autora.

O primeiro plano que temos do minidocumentário é uma câmera ascendente revelando um vestido de cor azul e roxo com estampa de teia de aranha, com uma trilha sonora densa e profunda. Em sequência, o depoimento de uma primeira mãe em um plano aberto, até dado momento, quando então se realiza seu enquadramento de perfil e ângulo a direita, em um plano fechado, que logo retorna a um plano aberto, onde vemos essa mãe sentada da cintura para cima. As cenas seguintes adotam o mesmo formato, ora um plano fechado com enquadramento de todo o rosto, às vezes, cortando suas partes superiores e inferiores, ora um plano aberto em que podemos observar as gesticulações de mãos e expressões faciais múltiplas. O segundo depoimento é de uma outra mãe, já o terceiro de um homem transexual, relatando sua infância. A primeira mãe a aparecer retorna, prosseguindo em sua fala, e demonstrando que os depoimentos foram gravados e recortados em edição posterior.

Em sua segunda parte, temos uma cena em que se lê "infâncias livres", a câmera se movendo em um ângulo reto da esquerda para a direita, sobre um fundo de rabisco colorido em louça escolar. Retomando os depoimentos, conhecemos a Melina, mãe integrante da ACIL, e a segunda a dar seu depoimento em ordem de aparição. Em sequência, conhecemos a Matias, também integrante da ACIL, o homem trans que apareceu anteriormente relatando sua infância. Matias se encontra em um local de gravação distinto das duas mães, ele parece estar em um quarto, pois vemos uma bicama

atrás dele. Já as mães estão também em um quarto, de paredes azuis, do lado esquerdo vemos uma cômoda com dois porta lápis, ambos cheios, e um deles com estampa nas cores da bandeira LGBTI+. Do outro lado, vemos uma pintura colorida de um rosto. Nesse momento é revelado o nome da primeira mãe que aparece lá no início, Florencia, integrante da ACIL. A quarta pessoa, em ordem de aparição, a dar seu depoimento é um homem cisgênero, Cristian, psicólogo integrante da ACIL. Percebe-se que ele está no mesmo cenário de gravação que Matias.

Ao final dos depoimentos intercalados, em ordem sequencial não linear, de acordo com a edição realizada, um novo plano ascendente mostra carrinhos de brinquedo no chão de madeira, e aquela música instrumental triste que se ouve em todos os depoimentos, dá lugar a uma canção vivaz e alegre. Na sequência, lemos uma mensagem de despedida que diz: "Para este dia e a cada dia sejam felizes todos/as/es as crianças", os carrinhos vão desaparecendo no plano inferior, e vamos visualizando na parte superior um tênis estilo "All Star Converse" com flores azul, vermelho e verde desenhados em seu bico de cor branca. O enquadramento final é o logo do "La Matria", um coração pulsante, em fundo preto, seguido de "Matria" em letra estilizada com seu arroba do Instagram @quevivalamatria e seu site quevivalamatria.com.

Reproduzo abaixo, em sua íntegra, os depoimentos presentes em "*¿Cómo se vive la infancia trans?*", em ordem sequencial, para posterior interpretação conjuntamente da decomposição e descrição plástica já realizadas.

Florencia começa dizendo: Em um de seus aniversários, justo nesse momento em que cumpria mais um ano de vida, ele vestia um vestido e tinha xuxinhas no cabelo, tudo em abundância. Ele então se vê no espelho, e diz algo como, "o que é isso?" Ele, então, retirou o vestido. Retirou as xuxinhas. Retirou tudo. Mas de uma forma, não caprichosa, parecia humilhado, como dizendo "o que fizeram comigo?".

Na sequência ouvimos o depoimento de Melina: Quando nós a perguntamos, por que você gosta disso? Por que você gosta de brincar com isso? Ela respondeu: "Porque eu sou, eu me sinto uma menina. Assim como eu sou". E nos mostrava seu corpo. Em seguida escutamos, rapidamente, a Matias: Eu, por volta dos 5 ou 6 anos, já sabia quem eu era, como me sentia. E voltamos a Florencia: Se uma criança está te dizendo: "Eu não sou, por exemplo, uma menina. Eu sou um menino!". Porque subestimar essa palavra, esse sentir. Então o descobrir isso, de... Aqui, este era o meu lugar. Isso é o que me passa: eu sou um menino. Ninguém se deu conta, nada mais. Logo, retomamos brevemente o

---

depoimento de Melina: Primeiro me disseram que ela tinha RGD, que é Atraso Global de Desenvolvimento.

Passando ao depoimento de Matias: Em minha casa me tratavam como um louco. "Você está desequilibrado, ou você é um extraterrestre". Até mesmo meus irmãos que me diziam: "Você não é um menino. Você não é um menino, porque não é como nós. Você não tem pênis. Você não é um menino". E retornamos a Melina: Foi chocante perguntar, mas o que aconteceu com tal pessoa? E novamente a Matias: Depois da escola de monjas, eu fui para o fundamental em escolas públicas. Eu pensava: "Bem, menos mal eu ter que usar avental, assim eu me safo dessa escola". Os olhares como que me diziam... é muito forte! O que leva você a se fechar em si mesmo. A não poder se manifestar nunca mais, a não poder dizer quem você é, isso foi o que me passou. E Melina de novo: "Não, mas essa sou eu. Eu sinto ser isso". Então, o pai da criança a agarrava e a tirava de perto para não se juntar a minha filha.

Florencia prossegue em seu depoimento: O jardim de infância, como sabemos, é a binaridade em pessoa. Meninas pra cá, meninos pra lá. Esse canto é de meninas, esse de meninos. As meninas assim, de rosa. Os meninos acolá, de azul. Claro! Então, quando ele ia ao jardim e encontrava todo esse mundo tão marcado. É esse caminho ou é esse, o que se permite. Ele disse: "Ok, eu vou por aqui". Em seguida aparece Cristian dizendo: Em realidade não há nada que nos faça ser homens ou mulheres. Não passa nem por uma questão genotípica, fenotípica nem genital. O gênero é uma forma mediante a qual nos paramos ante os outros. E Florencia de novo: Se exige de alguma forma, das crianças e dos adultos também, dos meninos e das meninas trans, o fato deles/as terem que pôr suas genitálias sobre a mesa. Para que os outros possam acomodar suas ideias. Porque eles não as compreendem. Cristian persegue em seu depoimento: Não tem que mudar o corpo. Tem que transformar as categorias mediante as quais se pensam os corpos.

Logo após, Melina aparece falando de sua filha: Luchi em casa brincava e atuava normalmente. Era livre em casa. E também queria ser no jardim. Então como a chamavam: "Não, você é um menino, você é um menino". Então Luchi dizia: "Não te escuto! Não te escuto! Não te escuto!", colocando as mãos nas orelhas e se terminava o problema. Tratávamos de ensinar isso a Luchi: Não permita. Não permita que o que pensam os outros te afete. Porque você é assim. E vai ser assim sempre. Matias afirma na sequência, retomando seu relato: A diferença dessas crianças que têm famílias que as

---

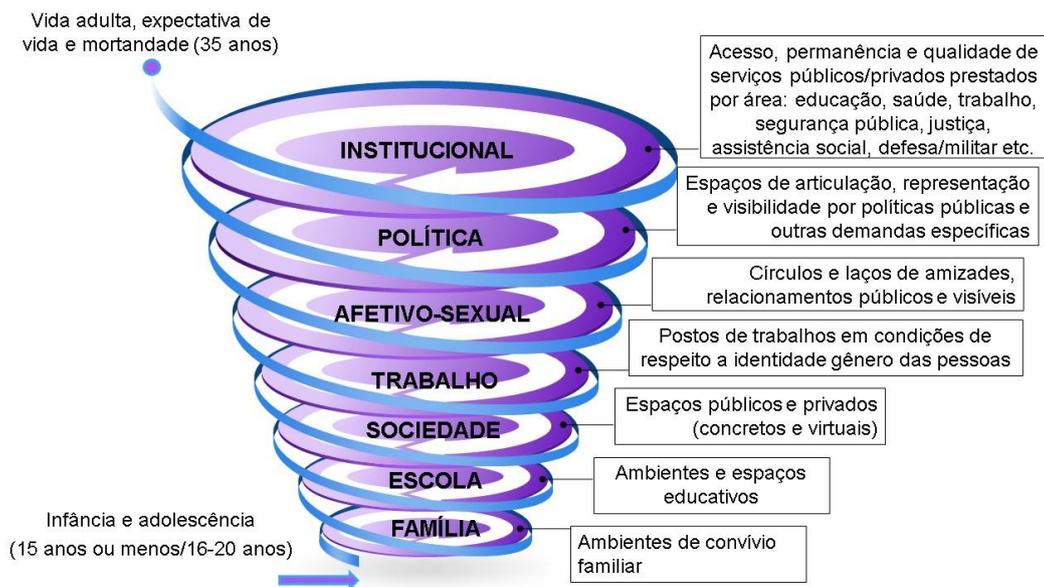
acompanham. E isso é muito importante. Porque o primeiro lugar de exclusão para uma pessoa trans é a casa.

Já finalizando, Melina coloca: Não viemos prejudicar a vida de ninguém. Senão que, quero que minha filha seja livre como qualquer criança e igual a seus coleguinhas. E seguindo, também concluindo, Florencia aponta: Entender que na realidade não é a criança que tem um problema. Mas entender que todo esse sistema é que não está adaptado para abraçar toda a periferia. E já bem emotiva, Melina encerra: Talvez, às vezes, um abraço vale mais que uma palavra. É isso, escutar a elas, estar atentas. Sem tantas perguntas: Deixa eu ver, o que está acontecendo contigo? Por que você não me conta o que está sentindo? Abraçar e conter, é o mais importante.

Antes de prosseguir com a interpretação do minidocumentário, gostaria de demonstrar o porquê da escolha de um *corpus* sem a presença de uma criança travesti contanto sua história em primeira pessoa. Primeiro, porque é necessário enfrentar essas narrativas em terceira pessoa, geralmente de responsáveis, ativistas e especialistas com a presença de um pessoa trans e travesti adulta rememorando sua infância. O que é justificado pelo medo e temor a represálias contra essas crianças que poderiam, sim, estar ali narrando suas vivências e experiências. Já de partida temos uma evidência das contextualidades dessas infâncias impedidas de se apresentarem publicamente, necessitando de terceiros para visibilizá-las. Logo, enfrentar essas narrativas adquire o caráter de criar um mundo onde crianças trans e travestis possam ser, viver e dizer quem são sem receio de que alguém atente contra sua própria vida, devolvendo a elas o protagonismo de suas histórias.

No caso do produto audiovisual descrito, temos 2 mães, um psicólogo e um homem trans adulto comunicando sobre as contextualidades vivenciadas por crianças trans e travestis, essas contextualidades, em termos e marcadores de ausências, colonialidades e violências, é apresentando transversalmente em todos seus relatos, por exemplo, e em diálogo com o esquema cíclico abaixo:

### **Ciclo de Ausências, Colonialidades e Violências Transodiantes por Ambiente, Área e Espaço**



Autora: Uma Reis Sorrequia, 2021. Adaptado de Bruna Benevides, 2021.

Entendo, assim, por contextualidades as inter-relações de circunstâncias, os contextos de interações sociais em que as crianças e as infâncias travestis são atravessadas e também (re)conhecidas, pensando que tais termos e marcadores distinguidos servem não somente para construí-las e enquadrá-las como tal, mas para construir uma única história possível de narrá-las, de serem visibilizadas. Dado que passamos uma vida (nascemos e morremos) tentando fugir ou escapar desses imaginários que nos capturam e (im)possibilitam de imaginar e construir um outro mundo possível, ao estarmos presas neste aqui e buscando destruí-lo primeiro.

### Palavras finais

A destruição para construção desse outro mundo possível perpassa, indiscutivelmente, por um regime de visibilidade em que nossas histórias sejam narradas por nós, e que sejam histórias positivas e positivadas, capazes de contribuir com a destruição em curso e o surgimento tímido de um novo mundo, onde pessoas cisgêneros tomem assento sobre sua identidade de gênero, reconheçam sua posição generificada e assumam responsabilidades na produção dessa humanidade, civilidade e cidadania precária de travestis, homens e mulheres transexuais e pessoas transgêneros, até então existentes.

### Referências

BRAGA, J. L. Interação como contexto da Comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 25-42, dez. 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/48048>>.

- FAVERO, Sofia. **Crianças trans: infâncias possíveis**. 1ª ed. Salvador: Devires, 2020. (Coleção Saberes Trans).
- LIMA, Glauceia Gomes de. Criança: objeto *a* liberado? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 203-218, abr. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982009000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000100011&lng=en&nrm=iso)>.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; TORRES-MALDONADO, N., GROSFOGUEL, R. (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2019, p. 27-53 (Coleção Cultura Negra e Identidades).
- MARTINS, E. C.; VIANA, C. V. A. Representação da infância e representatividade infante: posições ético-políticas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 151-172, jan./abr. 2020. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652020000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000100008&lng=pt&nrm=iso)>.
- MC MANUS, Siobhan F. Guerrero; CONTRERAS, Leah D. Muñoz. Epistemologías transfeministas e identidad de género en la infancia: del esencialismo al sujeto del saber. **Rev. Interdisciplinaria de Estudios de Género de El Colegio de México**, Cidade do México, v. 4, p. 1-31, mai. 2018. Disponível em: <<https://estudiosdegenero.colmex.mx/index.php/eg/article/view/168>>.
- PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes - conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO SOPCOM, 6, abr. 2009, Lisboa. **Congresso...** Lisboa: ULL, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>.
- ROCHA, Rose de M.; DA SILVA, J. C. Consumo, cenários comunicacionais e subjetividades juvenis. **E-Compós**, v. 9, 26 jun. 2007. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/168>>.